

## II DOMINGO DA PÁSCOA

Nós sabemos que todos os domingos recordamos a ressurreição do Senhor Jesus, mas neste período depois da Páscoa o domingo reveste-se de um significado ainda mais iluminador. Na tradição da Igreja, este domingo, o primeiro depois da Páscoa, era chamado «*in albis*». Que significa isto? A expressão pretendia recordar o rito que cumpriam quantos tinham recebido o batismo na Vigília de Páscoa. A cada um deles era entregue uma veste branca — «*alba*», branca» — para indicar a nova dignidade dos filhos de Deus. Ainda hoje se faz isto: aos recém-nascidos oferece-se uma pequena veste simbólica, enquanto os adultos vestem uma verdadeira roupa branca, como vimos seguramente em muitos lugares na Vigília pascal, ocasião em que muitos adultos recebem os sacramentos da iniciação cristã. Esta veste branca, no passado, era usada durante uma semana, até este domingo, e disto deriva o nome *in albis deponendis*, que significa o domingo no qual se tira a veste branca. E assim, tirando a veste branca, os neófitos começavam a sua nova vida em Cristo e na Igreja.

Há outro aspecto acerca da celebração de hoje. No Jubileu do Ano 2000, São João Paulo II estabeleceu que este domingo seja dedicado à Divina Misericórdia, embora sem alterar os textos litúrgicos já existentes. (“Ó Deus de eterna misericórdia...”, começa a bela coleta. E o refrão do Salmo Responsorial (Salmo 117), nos convida: “Dai graças ao Senhor, porque ele é bom! Eterna é a sua misericórdia! ”.) Foi uma boa intuição do Papa: quem inspirou-lhe isto foi, sem dúvida, o Espírito Santo, através de Santa Faustina Kowalska, grande e humilde santa polonesa falecida em 1938 e que recebeu extraordinárias graças místicas. Jesus Cristo lhe confiou a missão de ser mensageira da Divina Misericórdia. “Eu te escolhi para essa função: dar a conhecer às almas a grande misericórdia que tenho para com elas, e animá-las à confiança no abismo da minha misericórdia”. Santa Faustina no ano de 1931 teve a visão da chamada imagem de Jesus Misericordioso. E o Senhor lhe disse: “Pinta uma imagem de acordo com o modelo que estás vendo, com a inscrição: “Jesus eu confio em vós”. Quero que essa imagem seja

benzida solenemente no primeiro domingo depois da Páscoa, e esse domingo deve ser a Festa da Misericórdia”.

Sim, este domingo convida-nos a retomar com vigor a graça que provém da misericórdia de Deus. O Evangelho de hoje é a narração da aparição de Cristo ressuscitado aos discípulos reunidos no cenáculo e da instituição do sacramento da Reconciliação. São João escreve que Jesus, depois de se ter despedido dos seus discípulos, lhes disse: «Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio». Dito isto, soprou sobre eles e acrescentou: «Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados» (vv. 21-23). Eis o sentido da misericórdia que se apresenta precisamente no dia da ressurreição de Jesus como perdão dos pecados. Jesus Ressuscitado transmitiu à sua Igreja, como primeira tarefa, a sua missão de levar a todos o anúncio do perdão. Esta é a primeira tarefa: anunciar o perdão. Este sinal visível da sua misericórdia traz consigo a paz do coração e a alegria do encontro renovado com o Senhor.

A misericórdia à luz da Páscoa deixa-se perceber como uma *verdadeira forma de conhecimento*. E isto é importante: a misericórdia é uma verdadeira forma de conhecimento. Sabemos que se conhece através de muitas formas. Conhece-se através dos sentidos, da intuição, da razão e ainda de muitas outras formas. Pois bem, pode-se conhecer também através da experiência da misericórdia, porque a misericórdia abre a *porta da mente* para compreender melhor o mistério de Deus e da nossa existência pessoal. A misericórdia nos faz compreender que a violência, o rancor, a vingança não tem sentido algum, e a primeira vítima é quem vive estes sentimentos, porque se priva da própria dignidade. A misericórdia abre também a *porta do coração* e permite expressar a proximidade sobretudo a quantos estão sozinhos e marginalizados, porque os faz sentir irmãos e filhos de um só Pai. Ela favorece o reconhecimento de quantos têm necessidade de consolação e faz encontrar palavras adequadas para dar conforto.

Sim, a misericórdia aquece o nosso coração e o torna sensível às necessidades dos irmãos com a partilha e a participação. Em síntese, a misericórdia compromete todos a serem instrumentos de justiça, de reconciliação e de paz. Nunca esqueçamos que a misericórdia é o remate na vida de fé e a forma concreta com a qual damos visibilidade à ressurreição de Jesus.

Estamos para iniciar o mês de maio, popularmente considerado o “mês de Maria”. Que Maria, Mãe da Misericórdia, nos ajude a crer e a viver tudo isto com alegria.

***Dom José Palmeiro Mendes, OSB***  
Mosteiro de São Bento/RJ